

## DE PALAVRA EM PALAVRA: CARTAS DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO.

Sayonara Fernandes da Silva (UFRN)

[sayonara.sayonara@yahoo.com.br](mailto:sayonara.sayonara@yahoo.com.br)

*A palavra é tão forte que atravessa a barreira do som. Cada palavra é uma ideia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento.*

Clarice Lispector

### Introdução

Este estudo é resultado de um projeto de trabalho interdisciplinar desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa e Ensino de Literatura Infantil em uma turma de Ensino Médio na Modalidade Normal, no turno noturno, da Escola Estadual Berilo Wanderley em Natal- RN, e se insere na linha da Linguística aplicada, tendo como objetivo geral refletir sobre o uso da língua no gênero carta; diagnosticar o nível de escrita das professoras em formação; praticar a escrita e analisar a reescrita dos textos produzidos de forma individual e coletivamente no contexto do curso de Ensino Médio, Modalidade Normal.

A origem do estudo se dá em meio a um turbilhão de palavras e sentimentos de insatisfação expressados pelas alunas, professoras em formação, diante da obrigatoriedade em mudar de escola na metade do ano letivo sob a imposição do órgão central, uma vez que a escola de origem estava encerrando as atividades no turno noturno e as alunas teriam que continuar o curso em outra unidade escolar, esta muito mais distante de suas moradias.

O clima era tenso, a insatisfação pessoal e a necessidade de alardear a injustiça sofrida formaram o mote deste trabalho. Professora e alunas em comum acordo resolveram registrar, através da escrita do gênero discursivo carta, a expressão de desolação e impotência em que estavam involuntariamente submetidas com a intenção de argumentar em favor da resolução de suas problemáticas. Assim surgiu a primeira ideia de fazer uma carta reclamação dirigida à direção da escola com o objetivo de solucionar os problemas desdobrados pela mudança da escola, como alimentação, transporte, horário de aula, reaproveitamento de disciplinas e notas.

A escolha do gênero se deveu ao fato de o mesmo estar presente na grande maioria das práticas sociais, fazer parte do cotidiano e ter suas características semelhantes a uma carta pessoal, atualmente substituída pelos e-mails dos correios eletrônicos. Sabendo-se que a carta reclamação, considerada um texto persuasivo, é utilizada quando o remetente descreve um problema a um destinatário, tentando convencê-lo a encontrar uma solução, pensamos que esse instrumento seria de fundamental importância àquele momento, uma vez que possibilitaria a prática da escrita de um gênero discursivo em sala de aula, estreitando a relação entre teoria e prática, registrando-se a reivindicação e solução dos problemas apontados, além de ser o nosso ponto de partida para a utilização deste como uma prática de letramento com as professoras em formação.

- **O encontro entre a teoria e a prática pedagógica**

Toda prática pedagógica se fundamenta no princípio de promover aprendizagem significativa, eficaz, pois, segundo (FREIRE, 2011) “uma pedagogia que objetiva a eficiência se preocupa fundamentalmente com a experiência do aluno e tem como ponto de partida os problemas e necessidades dos próprios alunos”. Nessa perspectiva, nossa intenção, além de resolver o problema advindo das circunstâncias pessoais das alunas, desejávamos tornar a prática da leitura e da escrita da carta em uma organização de trabalho que desse conta de estudar a produção da linguagem, desse sentido às próprias vidas e transformasse a fala, que ecoava aos gritos, em uma escrita persuasiva capaz de convencer e expressar uma ideia através da força da palavra, pois, como bem diz Clarice Lispector na epígrafe deste trabalho: *A palavra é tão forte que atravessa a barreira do som. Cada palavra é uma ideia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento.*

A palavra quer ser ouvida, entendida, respondida na relação dialógica. A palavra não surge do nada, a palavra é a expressão do pensamento que por sua vez se constitui em um efetivo diálogo entre o eu e o outro; as palavras precisam de uma organização mental, de uma situação comunicativa, porque é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero, já que a linguagem é uma atividade social, histórica e cognitiva.

Os gêneros discursivos surgem da necessidade e das atividades socioculturais de comunicação humana. Segundo Bakhtin,

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2010, p. 261).

Assim, para que houvesse a materialização das rixas produzidas pela linguagem oral, fez-se necessário partir do estudo dos gêneros, de sua constituição maleável, plástica e dinâmica para se consolidar a atividade criativa de escrever a carta. Era preciso dominar o gênero para realizar linguisticamente os objetivos específicos daquela situação particular para legitimar a função discursiva do texto. Segundo Bakhtin,

Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam nosso discurso [...]. É uma forma de dizer para o outro. (BAKHTIN, 2010, p. 283).

A carta reclamação foi escrita de forma coletiva e reivindicava de maneira clara soluções aos problemas pelos quais a turma estava passando, apontando as consequências em suas vidas profissionais, as argumentações que comprovavam as suas

razões e a exposição das possíveis soluções para que houvesse entendimento entre as escolas, as alunas e a Secretaria Estadual de Educação.

Como metodologia de trabalho se elaborou uma sequência didática que compreendeu o levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes, a apresentação do gênero carta e suas variadas intenções comunicativas, as sequências discursivas, a escrita do gênero, reescrita individual e coletiva, correção e elaboração do texto final para ser entregue aos órgãos competentes. Durante o processo, o qual durou aproximadamente um mês de aula, as alunas, já adaptadas ao novo ambiente escolar e envolvidas com o propósito da leitura e da escrita de suas cartas, sugeriram a escrita de cartas para os colegas de sala. Entusiasmadas com a ideia de que não se escreve mais cartas pessoais, elas desejavam retomar a escrita de cartas materializadas em papel e envelopes. Desse desejo, nasceu o projeto *De Palavra em Palavra* que teve como objetivo integrar duas disciplinas do currículo do Ensino Médio Normal: Língua Portuguesa e Literatura Infantil, uma vez que as aulas eram dadas pela mesma professora e no mesmo dia da semana.

Nesse contexto, era preciso reorganizar o estudo do gênero, pois, segundo Silva (1995), a carta em seu corpo permite variados tipos de comunicação (pedido, agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, prestação de contas, propaganda e outros), embora não sejam todos da mesma natureza, visto que há funções comunicativas variadas.

Entre várias vantagens, os projetos de linguagem permitem ao aluno não depender das escolhas do professor, mas sim decidir e engajar-se nas atividades e assumir o seu aprimoramento da escrita, sendo agente de sua própria aprendizagem. No entanto, é preciso produzir uma intervenção significativa, auxiliando, acompanhando, estimulando e observando o aluno no seu processo de desenvolvimento cognitivo, uma vez que trabalho com linguagem, quer seja escrita ou oral, é uma atividade complexa em torno de um objetivo preciso, todos assumindo uma responsabilidade com o produto final (JOLIBERT, 1994). Ampliando essa ideia, compreendemos igualmente que o trabalho favoreceria o incentivo à coletividade, o que traz uma funcionalidade para a escrita e torna-se uma atividade significativa e real.

Pensando na integralização das duas disciplinas Língua Portuguesa e Literatura infantil, e sabendo-se que a leitura de literatura anda na contramão das fichas avaliativas e dos resultados quantitativos, era preciso estabelecer contratos pedagógicos para o desenvolvimento das leituras e de uma metodologia de trabalho que contemplasse o ensino de literatura de forma prazerosa e plausível a ser trabalhada com crianças, já que as alunas do magistério estavam em formação para o exercício da docência em classes de Ensino Infantil ou Ensino Fundamental I. Assim, fazia-se necessário um novo valor para este estudo, pois, como diz Amarilha,

Apesar de situada em grade curricular com créditos, carga horária e todo o aparato burocrático, a avaliação do ensino de literatura não atende ao que significa descobrir o valor, o interesse, os atributos que a literatura traz ao indivíduo que a ela tem acesso e daí seus desdobramentos formativos e acadêmicos. (AMARILHA, 2003, p. 149)

E como o ensino de literatura em classes de professor em formação presume que esse aluno professor seja um futuro mediador de leitura, decidimos que o ensino de literatura seria pautado na experiência de leituras para que os sujeitos formassem um repertório de leitura. Considerando os conhecimentos prévios das alunas, as suas experiências leitoras, suas curiosidades e a vontade de aprender sobre leitura e escrita,

pensamos em copilar nossos registros em um portfólio de leitura de literatura através de cartas pessoais em que cada estudante produzisse uma carta a um amigo expondo sua experiência de leitura a partir dos textos abaixo selecionados para 10 sessões de leitura.

1. *Felicidade Clandestina* - Clarice Lispector,
2. *Chapeuzinho Vermelho* – Perrault
3. *Chapeuzinho Amarelo* – Chico Buarque de Holanda
4. *Ritinha Bonitinha* – Eva Furnari
5. *A caligrafia de dona Sofia* – André Neves
6. *A arca de Noé* – Vinícius de Moraes
7. *A moça Tecelã* – Marina Colasanti
8. *O palhaço Biduin* – Bia Bedran
9. *Tchau* – Ligia Bojunga
10. *A gralha enfeitada com penas de pavão* – Monteiro Lobato

Em cada texto selecionado, uma série de atividades foi desenvolvida a partir da metodologia de pré-leitura, leitura e pós-leitura, dentre as quais uma carta era produzida com o tema principal do texto, por exemplo, medo para o texto de Chapeuzinho Amarelo; um momento feliz para Felicidade Clandestina; um sonho para A moça tecelã; uma tristeza para Tchau, constituindo-se, por conseguinte, o nosso portfólio de literatura e de cartas.

Portfólio é um álbum que registra a história do aluno em seu momento específico de aprendizagem. Esse tipo é o mais utilizado porque têm anotações, rascunhos e esboços de projetos em andamento, amostras de trabalho e é o diário da disciplina. Nele estão contidas as mais variadas reflexões e anotações do processo de interação entre o professor e os alunos, bem como os alunos entre si. Apesar do trabalho com os textos nas sessões de leitura ter um caráter coletivo,

o portfólio acolhe a singularidade do aluno, visto que ele se transforma no narrador do seu próprio aprendizado, da sua relação com a disciplina, o que confere certa leveza ao documento e o liberta da formalidade [...] o aluno deixa de ser dependente do que o professor diz para dizer e selecionar o que mais interessa e pensa sobre o que estuda, portanto, narra o aprendizado de sua perspectiva. (AMARILHA, 2003, p. 152)

Destacamos ainda que todo material produzido pelos estudantes foi organizado em dois suportes diferentes: uma pasta com as atividades de leitura e um caderno para as cartas, conforme as ilustrações abaixo.



Portfólio de cartas



Portfólio de Literatura

- **De palavra em palavra**

A experiência até aqui narrada permite compreender o valor da linguagem no processo formativo das alunas do ensino médio modalidade normal e suas experiências de leitura literária na escola. A seguir uma carta escolhida entre as mais de 300 escritas pelas alunas, professoras em formação, que traz aspectos relacionados com a palavra que quer sempre ser ouvida, no tocante a linguagem produzida pelo sujeito escritor e a palavra carregada de significado que habita e preenche os vazios do leitor.

*Natal, 05 de agosto de 2013*

*Querida amiga Estefânia, como está você?*

*Saudades de nossas conversas na sala.*

*É um prazer imenso escrever essas cartinhas que a professora propõe nas aulas de Literatura. Confesso que estou gostando muito de escrever para você porque faz muito tempo que na minha caixa de correio só chega carta de cobrança, argh! Escrever é mesmo muito prazeroso, mas o melhor é receber as cartas. Adoro os envelopes bordados que você me manda.*

*Hoje vou lhe contar, em segredo, o que eu achei desse livro da Moça Tecelã: não é que é mesmo a história da minha vida! Fui casada muito tempo com um rapaz bem apresentado. Quando sonhei com um amor para mim, ele era perfeito, mas o tempo me deu olhos para ver o que de pior tinha nele: ambição, maldade, posse, poder de vingança. Sofri muito com os mal tratos dele, só eu e Deus sabemos.*

*Quando a professora começou a ler o livro na sala, passei mal... era uma coisa tão ruim amiga! Chegava a me arrepiar. Sei que no livro a história é de mentira, mas na minha vida ela é tão real que não quero nem lembrar. Ainda bem que agora posso escrever esta carta para lhe contar desse sonho que tive, do amor que não conheci e do medo que tomou conta de mim por tantos anos.*

*Querida amiga, não sei se é preciso, mas vou lhe pedir o silêncio dessas palavras, porque sinto vergonha do que fui e tenho medo do que ainda virá.*

*Um grande abraço,*

*Darquinha.*

De acordo com Silva (2002), o gênero em análise geralmente apresenta uma estrutura composicional composta dos seguintes elementos:

**Abertura do evento**

- a. Cabeçalho - fator contextualizador do evento comunicativo que ancora o texto à época em que é produzido.

**Exemplo 1**

*Natal, 05 de agosto de 2013*

- b. Saudações – estratégia introdutória da atividade de interlocução entre o eu e o outro que visa expressar polidez do remetente para com o destinatário.

Exemplo 2

*Querida amiga Estefânia, como está você?*

- c. Solicitudes – espaço discursivo em que são expressos os votos de sentimentos, saudades, saúde e paz. Encara uma função de natureza pragmática e interativa que dá indicação, muitas vezes da intenção da carta enviada.

Exemplo 3

*Saudades de nossas conversas na sala.*

**Corpo do texto**

Caracteriza-se principalmente pelo momento em que o autor traz para a interlocução os mais variados temas que se reportam ao seu eu cotidiano, ao seu íntimo. É a parte mais extensa da carta. É quando o escritor fala de si e/ou daqueles com quem convive; não é um monólogo porque em todo o texto o interlocutor escrevente faz uso de recursos estilísticos que põem o interlocutor destinatário a par de tudo que acontece com o escrevente.

Exemplo 4

*É um prazer imenso escrever essas cartinhas que a professora propõe nas aulas de Literatura. Confesso que estou gostando muito de escrever para você porque faz muito tempo que na minha caixa de correio só chega carta de cobrança, argh! Escrever é mesmo muito prazeroso, mas o melhor é receber as cartas. Adoro os envelopes bordados que você me manda.*

*Hoje vou lhe contar, em segredo, o que eu achei desse livro da Moça Tecelã: não é que é mesmo a história da minha vida! Fui casada muito tempo com um rapaz bem apresentado. Quando sonhei com um amor para mim, ele era perfeito, mas o tempo me deu olhos para ver o que de pior tinha nele: ambição, maldade, posse, poder de vingança. Sofri muito com os maus tratamentos dele, só eu e Deus sabemos.*

*Quando a professora começou a ler o livro na sala, passei mal, era uma coisa tão ruim, amiga! Chegava a me arrepiar. Sei que no livro a história é de mentira, mas na minha vida ela é tão real que não quero nem lembrar. Ainda bem que agora posso escrever esta carta para lhe contar desse sonho que tive, do amor que não conheci e do medo que tomou conta de mim por tantos anos.*

Esse trecho pertence a uma carta, cujos interlocutores são alunas da mesma turma de magistério. Nessa passagem a interlocutora remetente compartilha com a interlocutora destinatária a narrativa A moça Tecelã, lida em uma aula de literatura, da autora Marina Colasanti. A remetente expressa satisfação ao escrever a carta, argumentando que na caixa de correio só chegam cartas de cobrança, fato justificado pela escassez no uso habitual do gênero carta pessoal.

### Exemplo 5

*É um prazer imenso escrever essas cartinhas que a professora propõe nas aulas de Literatura. Confesso que estou gostando muito de escrever para você porque faz muito tempo que na minha caixa de correio só chega carta de cobrança, argh! Escrever é mesmo muito prazeroso, mas o melhor é receber as cartas. Adoro os envelopes bordados que você me manda.*

Segundo Foucault (1992), a carta se constitui também certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros (p. 7-8). A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. É um espaço para dialogar, solicitar, segredar, informar, lamentar etc. Assim ela aparece como possibilidade de estar com o outro, entrar no diálogo com o outro.

### Exemplo 6

*Hoje vou lhe contar, em segredo, o que eu achei desse livro da Moça Tecelã: não é que é mesmo a história da minha vida! Fui casada muito tempo com um rapaz bem apresentado. Quando sonhei com um amor para mim, ele era perfeito, mas o tempo me deu olhos para ver o que de pior tinha nele: ambição, maldade, posse, poder de vingança. Sofri muito com os maus tratos dele, só eu e Deus sabemos.*

*Quando a professora começou a ler o livro na sala, passei mal, era uma coisa tão ruim, amiga! Chegava a me arrepiar. Sei que no livro a história é de mentira, mas na minha vida ela é tão real que não quero nem lembrar. Ainda bem que agora posso escrever esta carta para lhe contar desse sonho que tive, do amor que não conheci e do medo que tomou conta de mim por tantos anos.*

E nessa aproximação entre o eu e o outro, tão presente no dialogismo Bakhtiniano, a interlocutora remetente se aproxima da interlocutora destinatária a partir de sua catarse com a protagonista do texto, identificando sua história pessoal com aquilo que é narrado, partilhando sentimentos e emoções a partir do texto literário, prova inequívoca que a literatura diz quem somos e nos ajuda a expressar o mundo por nós mesmos. Como diz (COSSON, 2007 p. 17), “no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda, sermos nós mesmos”.

A carta pessoal é um gênero que se realiza ao mesmo tempo em outros gêneros, sendo tipicamente variado (heterogêneo). Veja-se que a carta pessoal pode conter uma sequência narrativa, uma argumentação, uma descrição. A exemplificar, destacaremos alguns pontos.

### Exemplo 7

<b>SEQUÊNCIAS</b>	<b>GÊNERO DISCURSIVO: CARTA PESSOAL</b>
<b>Descritiva</b>	<i>Escrever é mesmo muito prazeroso, mas o melhor é receber as cartas. Adoro os envelopes bordados que você me manda.</i>
<b>Narrativa</b>	<i>Hoje vou lhe contar, em segredo, o que eu achei desse livro da Moça Tecelã: não é que é mesmo a história da minha vida! Fui casada muito tempo com um rapaz bem apresentado.</i>
<b>Argumentativa</b>	<i>Quando sonhei com um amor para mim, ele era perfeito, mas o tempo me deu olhos para ver o que de pior tinha nele: ambição, maldade, posse, poder de vingança. Sofri muito com os maus tratos dele, só eu e Deus sabemos.</i>

É certo que a carta pessoal apresenta uma variedade de sequências, mas quando se nomeia certo texto como “narrativo”, “descritivo” ou “argumentativo”, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio dos tipos de sequência de base. Percebemos que no gênero carta o autor se utiliza das estruturas de enunciações para se expressar em forma de escrita, refletindo sobre sua história e fazendo legitimar os saberes que produz com a intenção de compreender a própria natureza do funcionamento sociocomunicativo das práticas de gênero, colocando à mostra o seu caráter dialógico, interativo e interlocutivo, instaurado pelas idas e vindas de cartas entre os sujeitos da sala de aula.

### **Corpo da interação e encerramento do evento**

- a. Pré-encerramento – espaço em que o escrevente anuncia para seu interlocutor que o encontro em curso está findando. Geralmente são selecionadas marcas linguísticas relativamente estereotipadas que permitem ao destinatário identificar esse momento da interação verbal.

#### **Exemplo 8**

*Querida amiga, não sei se é preciso, mas vou lhe pedir o silêncio dessas palavras, porque sinto vergonha do que fui e tenho medo do que ainda virá.*

- b. Despedida – recurso que formaliza o fecho da interação por meio de rotinas comunicativas que expressam uma afetividade entre os interlocutores. São sequências discursivas em que se pode inferir a qualidade das relações interpessoais entre os correspondentes.

#### **Exemplo 9**

*Um grande abraço,*

- c. Assinatura – unidade que, simbolicamente, pretende deixar clara a autoria do texto e valida o que foi escrito.

#### **Exemplo 10**

*Darquinha*

### **Considerações Finais**

De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), o trabalho com o texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos. “Na verdade o que se aprende e o que se deve ensinar a escrever são os gêneros discursivos que correspondem a atividades discursivas reais” (SILVA, 1995, p. 202). Neste trabalho, professora e estudantes encontraram a melhor forma do dizer, na interação entre o eu e o outro, que transformaram o ensino e a aprendizagem da escrita em um processo, no qual participaram como observadores e aprendizes das situações discursivas concretas que figuram na sociedade, com usos e funções sociais diferentes e que devem constituir o objeto de aprendizagem de língua na escola.



O funcionamento do gênero carta pessoal é constituído por movimentos dialógicos que atravessam práticas comunicativas e se materializam nos textos escritos aproximando os sujeitos através da força das palavras. As palavras de dor que deram origem a este trabalho se tornaram descobertas de afetos. Encontramos através das cartas, gêneros discursivos tão esquecidos nos dias atuais, motivação para a leitura e a escrita através da experiência real de produção de textos escritos.

Da organização das cartas às entregas; do carinho no preparar os envelopes às escolhas das palavras, tudo foi feito com muito esmero e paixão. Percebeu-se o quão encantadas pelas palavras as alunas foram ficando, bem como o crescimento do processo de autonomia na leitura e escrita, o reconhecimento do outro, a interação entre os sujeitos da sala, o partilhar dos sentimentos e emoções através da literatura, que é, como afirma (BAKHTIN, 2010, p. 360), “a parte inseparável da cultura, que não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época”.

#### Referências bibliográfica

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: A Secretaria, 1997.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra** - Paulo Freire, Donaldo Macedo: tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JOLIBERT, J. **Formando crianças produtoras de texto**. Tradução de W.M.F. Settineri e B.C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **As tipologias textuais e a produção de texto na escola**. Belo Horizonte, FAE/UFMG. Dissertação de Mestrado, 1995.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. Belo Horizonte, Faculdade de Letras/UFMG. Tese de Doutorado, 2002.